



A Linguagem e o Processo de Aprendizagem em Merleau-Ponty

*Matheus Marcus Gabriel Mellado**

Resumo: O objetivo deste trabalho será compreender como os estudos sobre a linguagem, empreendidos por Merleau-Ponty na segunda metade dos anos 40 e na primeira metade dos anos 50, podem ser conectados com um processo gnoseológico de conquista da expressão. Desse modo, buscaremos abordar a primeira noção de aprendizagem formulada pelo autor na *Estrutura do Comportamento (SC)*. Na sequência, vamos verificar como o tema da aprendizagem e da linguagem foram desenvolvidos como meios para repensar as conclusões conflitantes na *Fenomenologia da Percepção (PhP)* e alcançar um novo meio de sustentar o campo dos comportamentos abstratos, com auxílio da expressão. Dessa maneira, buscaremos destacar como a percepção é ressignificada nesse contexto e como seria possível sua passagem para a expressão do sujeito. Assim, levaremos em conta que o movimento da imanência para a transcendência, pressupõe a aquisição da linguagem como estrutura diacrítica, que é primordialmente baseada num campo diacrítico da percepção.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; Fenomenologia; Expressão; Linguagem; Aprendizagem.

Language and Learning Process in Merleau-Ponty

Abstract: The objective of this work will be to seek to understand how the studies on language, undertaken by Merleau-Ponty in the second half of the 40s and in the 50s, can be connected with a gnoseological process of acquiring expression. In this way, we will seek to address the first notion of learning formulated by the

* Doutorando Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: matheuslmellado@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8871494822202869>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2541-407X>.

author in the *Structure of Behavior (SC)*, as well as its function in his reflection. Next, we will see how the theme of learning and language were developed as means to rethink the conflicting conclusions in the *Phenomenology of Perception (PhP)* and achieve a new way of supporting the field of abstract behaviors, with the help of expression. In this way, we will seek to highlight how perception is given new meaning in this context and how its passage into the subject's expression would be possible. Thus, we will take into account the movement from immanence to transcendence, assuming the acquisition of language as a diacritical structure, which is primarily based on a diacritical field of perception.

Keywords: Merleau-Ponty; Phenomenology; Expression; Language; Learning.

El lenguaje y el proceso de aprendizaje en Merleau-Ponty

Resumen: El objetivo de este trabajo será tratar de comprender cómo los estudios sobre el lenguaje, emprendidos por Merleau-Ponty en la segunda mitad de los años 40 y en los años 50, pueden conectarse con un proceso gnoseológico de adquisición de la expresión. De esta manera, buscaremos abordar la primera noción de aprendizaje formulada por el autor en la *Estructura de la Comportamiento (SC)*, así como su función en su reflexión. Después, veremos cómo se desarrolló el tema del aprendizaje y el lenguaje como medio para repensar las conclusiones contradictorias de la *Fenomenología de la Percepción (PhP)* y lograr una nueva forma de sustentar el campo de las conductas abstractas, con la ayuda de la expresión. De esta manera, buscaremos resaltar cómo se le da un nuevo significado a la percepción en este contexto y cómo sería posible su paso a la expresión del sujeto. Así, tendremos en cuenta que el paso de la inmanencia a la trascendencia presupone la adquisición del lenguaje como estructura diacrítica, que se basa ante todo en un campo diacrítico de percepción.

Palabras clave: Merleau-Ponty; Fenomenología; Expresión; Idioma; Aprendizaje.

Aprendizagem e comportamento

Na análise do capítulo II da *SC*, podemos verificar que após realizar a refutação da tese Pavloviana sobre a descrição dos comportamentos superiores, Merleau-Ponty elabora uma discussão acerca da aquisição de hábitos e de como os organismos podem promover a aprendizagem. Para realizar tal reflexão ele mantém a posição de que análises realistas e estritamente objetivistas são demasiadamente arbitrárias, não conseguindo descrever satisfatoriamente a complexidade das relações entre o ser biológico e seu meio.

Nessa esteira, o autor afirma que um comportamento adquirido não parte de relações entre estímulos unívocos ou de conexões geográficas determinadas, mas ele consiste numa alteração geral do próprio comportamento que: “[...] *se exprime numa multiplicidade de ações cujo conteúdo é variável e o significado é constante*” (*SC*, 2006, p. 151). Tal concepção é decorrente do que foi estabelecido anteriormente na *SC*, de que o organismo se porta em seu meio tanto por causa das possibilidades estabelecidas pelo seu corpo, quanto como pelo sentido imanente que suas ações esboçam diante de uma funcionalidade ou finalidade pretendida. O autor busca fundamentar nessa noção é a ideia de um paralelismo de estrutura, contrário ao paralelismo clássico, que concebe o corpo como decomponível em partes extra partes. Assim, assume-se que o organismo funciona para executar suas finalidades pretendidas por possuir zonas mais privilegiadas para realizá-las, mas que, por fazerem parte de uma estrutura orgânica, podem se readaptar ou se reatualizar para alcançar o mesmo fim pretendido. O que fica expresso no exame das patologias do paciente Schneider, que tem seu comportamento alterado devido a uma lesão em seu cérebro. Isso faz com que determinadas atividades abstratas, antes corriqueiras, se tornem dificilmente operáveis, mas outras ações se preservam pelo princípio compensatório do organismo – isto é, mesmo com sua estrutura psicofisiológica comprometida, ele pode atingir a finalidade de suas ações por meio da complementação das estruturas fisiológicas que não foram avariadas, moduladas pelo sentido geral de ser

no mundo. Outro exemplo seria a adaptação a perda de um braço, situação na qual o indivíduo pode passar pelo fenômeno do membro fantasma, para depois articular outras partes de seu corpo para realizar a função do braço amputado. Assim, para Merleau-Ponty, não há uma redução do biológico ao físico, mas a efetivação de uma correlação entre os dados imediatos da percepção e uma significação extraída de seu meio que, por sua vez, é suscitada por suas capacidades corporais.

Diante de tal posicionamento, Merleau-Ponty precisou estabelecer o que de fato seria a aprendizagem, o hábito e o mero adestramento, isto é, o que é a permanência de um significado perante uma multiplicidade de ações em paralelo com um mero condicionamento. Tal problemática é importante para poder assinalar qual a distinção que ocorre na aquisição, ou não, de novos comportamentos dentre as diferentes espécies de organismos e, mais especificamente, a diferença que marca a espécie humana. Para essa demarcação ser efetivada, faz-se necessário ilustrar como a formação do comportamento não pode ser derivada de estímulos externos e pontuais infligidos a um organismo.

Logo de cara, o pensador já exprime que o condicionamento é a capacidade de poder fixar um hábito restrito a um evento singular. Para ilustrar essa concepção, são pinçados exemplos behavioristas e gestaltistas com certos símios inferiores, que utilizam ferramentas para alcançar seu alimento. Contudo, quando eles se deparam com alguma alteração da ferramenta disponível – mesmo sendo parecida –, ou quando se desloca o experimento de um espaço para outro, eles não conseguem articular a significação do ato de utilizar uma ferramenta para realizar um mesmo fim, a não ser por tentativa e erro. Desse modo, verifica-se que nesse caso se estabelece um estado de condicionamento, ou seja, que dentro daquelas condições específicas e delimitadas essa ação particular pode ser realizada. É importante precisar que nesses experimentos o condicionamento pode se condensar e ser executado de uma maneira mais rápida e simples. Entretanto, deve-se observar também que essa abreviação não é uma atividade orientada a um sentido essencial, pois o animal tende a seguir seus domínios instintivos, estabelecidos por sua funcionalidade orgânica

global. É desse modo que podemos verificar os erros de abstração quando comparamos uma espécie com outra. De modo geral, podemos afirmar que o condicionamento é um hábito que não se fixa a partir da adesão a um sentido virtualmente variável, mas que ele está mais relacionado à adesão a signos delimitados, que, por sua vez, antecipam apenas um contexto específico do campo presente ao organismo.

Outro ponto que é preciso deixar claro é que em experimentos mais simples, como o que citamos dos símios inferiores, há um certo nível de aprendizagem – mesmo que pautada pelo condicionamento –, mas não necessariamente uma adesão ou fixação da essência de uma ação ou função específica transponível a outros contextos. Assim, percebemos que a variabilidade comportamental, nesse experimento, se pauta mais por uma adesão ao espaço do que por uma compreensão acerca de uma virtualidade das ações possíveis, ou uma adesão à temporalidade da ocorrência dos fatos externos. O que vai de encontro com a tese empirista, que sustenta que a aquisição do comportamento ocorreria a partir de relações puramente exteriores ao animal. Outro exemplo que Merleau-Ponty fornece sobre essa ineficiência dos estímulos externos para explicar o comportamento, frente a repetição de certos eventos e a aquisição de um sentido com eles, é o exemplo de uma criança que se queima e depois rejeita a mesma experiência para poder se preservar (EC, 2006, p. 155). Logo, o comportamento da criança adquire uma nova camada, na qual a percepção de outras fontes de calor intenso se torna não só um signo atual da possível queimadura, mas se transforma em um significado deslocável a outros eventos similares, isto é, transforma-se em um hábito aplicável a outros contextos, gerando novas possibilidades de atuação. Isto é o que caracteriza a aprendizagem.

Sendo assim, a aquisição de um novo comportamento, como um hábito replicável – seja pelo condicionamento ou pela aprendizagem –, só pode se efetivar a partir de um conjunto de tentativas ou de ações dentro de um quadro orgânico, sendo delimitado por seu sentido ou sua eficácia. Assim, pressupõe-se um *a priori* sensorio motor e categorias orgânicas aos seres vivos, que variam de acordo com as diferentes espécies de animais.

Logo, a aquisição de um comportamento depende de um caráter sistemático de tentativas e erros, no qual uma ação é alterada em detrimento de um fim constatado ao cabo dessas mesmas tentativas. Partindo dessas observações, Merleau-Ponty assinala que uma “lógica” pode ser observada em um animal quando, entre um estímulo condicionado e um estímulo natural, verifica-se um objetivo. Esse seria um meio de descrever o comportamento a partir de uma perspectiva em terceira pessoa¹, mas que não precisa recorrer a análises realistas e nem as descrições científicas dos experimentos das psicologias empiristas, como ocorre com Pavlov e com as escolas Behavioristas.

A partir dessas constatações, Merleau-Ponty afirma que não seria mais possível diferenciar o comportamento sob as categorias de simples e complexo. Faz-se necessário uma nomenclatura mais acurada para poder diferenciar a aprendizagem de fato e o que seria um mero condicionamento. O que levará o autor a elaborar as distinções entre as formas sincréticas, as formas amovíveis e as formas simbólicas. Tal divisão não significa que uma forma seja intransponível às outras, mas que haveriam aptidões diferentes nas diversas espécies animais, podendo resultar em comportamentos mais adaptáveis à alteração do meio.

No primeiro nível de comportamento, dito sincrético, o organismo está preso a respostas de estímulos que não escapam às alusões que dizem respeito a seus aspectos vitais. Sobre as formas amovíveis, Merleau-Ponty afirma que a aprendizagem possui limitações em comparação a espécie humana, porém seu poder de aderência a novas situações se torna mais amplo que na anterior – como o exemplo dos símios inferiores e do da criança que se queima. Isso ocorreria pelo fato das formas amovíveis conseguirem abarcar sinais em seu comportamento, não se restringindo meramente as disposições concretas e instintivas de sua condição vital. Essa aderência a sinais poderia ser compreendida como uma aderência à contiguidade espacial e, em certa medida, temporal sob os estímulos

¹ Tal observação de que a *EC* busca promover uma descrição do comportamento pelo olhar do cientista em terceira pessoa, é muito bem desenvolvida por Bimbenet em *Nature et Humanité*.

condicionados e incondicionados que podem ser inferidos a um organismo. Sendo assim, podemos verificar uma mudança de sentido mediante a alteração dos sinais e dos estímulos propostos pelo meio ao animal. O resultado final do estímulo acaba sendo fundamental nessa alteração, pois, ao se deparar com um estímulo negativo, o organismo buscará outros meios de alcançar um resultado positivo, ou seja, ele tentará reproduzir os padrões que o levaram ao anterior sucesso de sua ação. Dessa maneira, o sinal seria um antecipador de um resultado a ser almejado ou rejeitado.

Agora, na descrição das formas simbólicas, salientamos que se antes o critério para diferenciação do comportamento animal para o humano era a aderência à esfera temporal, bem como sua possibilidade de transposição como irrealização, agora veremos que o autor discorre mais sobre os conteúdos do sentido humano como centro de diferenciação entre as duas esferas citadas – como se Merleau-Ponty pulasse a explicação do princípio fundante das formas simbólicas e fosse direto para sua explicitação (Fujita, 2018, p. 149). Segundo o autor, o comportamento animal apreende os signos que lhes são dispostos e os consideram como sinais, mas não consegue transpô-los à ordem dos símbolos. Essa é uma passagem onde o signo deixa de ser um presságio ou um estímulo condicionado, então se transformando no tema de uma atividade que busca exprimir esse mesmo signo. Como, por exemplo, quando o signo vocal passa a se manifestar na fala. Para Merleau-Ponty o “*comportamento simbólico é a condição de toda a criação e toda novidade nos ‘fins’ da conduta*” (EC, 2006, p. 189). Um exemplo que o pensador dá é do músico ao tocar um instrumento, onde tal ação não é um mero condicionamento, no qual são correspondidos estímulos visuais, auditivos e motores de estruturas já apreendidas. O que ocorre com um músico experiente é a possibilidade de improviso dentro de um tema geral proposto, seja numa melodia já conhecida ou mesmo na transposição desse tema para outros instrumentos, que podem até mesmo ser desconhecidos para ele. Sendo assim, verifica-se um novo tipo de correlação entre os estímulos e a possibilidade de tematização de um sentido geral numa multiplicidade de eventos. Haveria um princípio sistemático onde a relação entre exprimido

e a expressão pode se efetuar de maneiras variadas. O que leva Merleau-Ponty a afirmar que “*o signo verdadeiro representa o significado, não segundo uma associação empírica, mas enquanto sua relação com outros signos é igual à relação do objeto significado por ele com os outros objetos*” (EC, 2006, p. 191). Essa estrutura de estruturas, que permite tal passagem – tal abstração –, estabelece uma relação intrínseca entre um movimento e um significado, isto é, revela que uma aptidão verdadeira exigiria que os estímulos pudessem tornar eficazes as propriedades expressas dentro da própria estrutura. Logo, por meio da adesão a um significado imanente é que se tornaria possível alcançar uma resposta que a simbolize. Portanto, nesse nível o comportamento não se remete mais a um significado, ele é por si só um significado, ou melhor, é a concordância de um significante com o significado.

São nestes moldes que Merleau-Ponty esboça o comportamento, como um fenômeno que não reduz o simples ao complexo e nem o complexo no simples. Há no modo como o organismo se apresenta no mundo uma manifestação que não é plena exterioridade ou pura interioridade, nem um atomismo e nem um sistema de relações puras. Desse modo, o comportamento não se desdobra por meio de relações espaciais e temporais estritamente objetivas. O que revela que a pretensa concepção de uma consciência plena e transparente no ser humano também caia por terra, pois revela-se um fundo de ação para o corpo que é opaco para o próprio indivíduo. Poderíamos afirmar que há uma configuração ou uma elaboração de um “eu” que não é diretamente observável, de um *alter ego* que se comunica e que está em comunhão com o mundo sem que nós o percebamos diretamente. Sendo assim, esse parece ser o caminho que o autor procurou para poder superar a alternância entre o em-si e o para-si. Uma existência ambígua que preserva essas duas perspectivas na enformação do corpo e que não pode ser totalmente verificada de maneira direta ou objetiva, pelo menos não na perspectiva de uma única ciência. Em suma, o que Merleau-Ponty busca assinalar é que o comportamento não é nem uma coisa ou conteúdo e nem uma mera abstração, mas uma forma ou uma estrutura que adere ao meio em que seu

corpo se encontra. Portanto, o próximo passo seria compreender como essa lógica da forma, que se assemelha a um jogo dialético de perspectivas que não se anulam e se aplicam a cenários análogos, exprime de maneira indireta uma alternativa para se compreender a relação entre o corpo e a alma, sem recair nas doutrinas empiristas ou idealistas. Assim Merleau-Ponty sinaliza uma investigação sobre a concepção da forma no pensamento gestaltista, com a finalidade de o tornar mais acurado e poder depurar qualquer prejuízo clássico que possa ter se introjetado no pensamento moderno.

Aprendizagem e Linguagem

Um momento decisivo para Merleau-Ponty, que ressalta a articulação entre a aprendizagem e a linguagem, encontra-se nos cursos ministrados na Sorbonne, mais especificamente em *Consciousness and Language Acquisition (CLA)*², cuja aplicação foi entre 1949 e 1950. Nesse curso, em específico, nós temos a sustentação dos aspectos fundamentais defendidos na *EC* e na *PhP* – com exceção do que se refere ao fenômeno da síntese temporal – atrelados ao processo gradativo de desenvolvimento psicomotor das crianças. Há aqui alguns direcionamentos que pensamos ser importantes para este curso: primeiro a adoção da concepção mimética que as crianças utilizam para poder incorporar ao seu comportamento atos e categorias que, posteriormente, serão devidamente delimitados; segundo, o direcionamento do discurso do autor para uma formação do indivíduo que necessita levar em conta não apenas as configurações biológicas e perceptivas, mas também as instituições culturais e sociais pré-estabelecidas. Esse segundo ponto foi desenvolvido com mais afinco em

² Os escritos que se referem aos cursos sobre psicologia e pedagogia infantil, ministrados na segunda metade dos anos 40 e início de 50, foram acessados por nós apenas em inglês. Deste modo, as iniciais do curso que iremos discutir será indicado em inglês, para respeitar a bibliografia utilizada.

outros cursos reunidos em *Child Psychology and Pedagogy: the Sorbonne lectures*.

Em *CLA*, Merleau-Ponty afirma que o pensamento clássico não conecta satisfatoriamente a consciência à linguagem. Isso ocorre porque considera-se a mente como uma autoconsciência que opera uma atividade de síntese universal, fazendo da linguagem um mero objeto, isto é, ela se torna um acessório exterior e complementar a consciência. Assim sendo, a linguagem bem utilizada é aquela que se promulga da maneira mais objetiva possível, ou seja, excluindo o que há de subjetivo do discurso. Logo, no pensamento clássico a linguagem apenas universaliza, categoriza e sumariza aquilo que já existe. Entretanto, para o autor, o uso da linguagem é um dos modos pelos quais a consciência adere ao mundo que a circunda. Sua promoção expressa o próprio pensamento, não sendo uma mera vestimenta da mente. Portanto, explicitar o desenvolvimento da linguagem seria também explicitar como a consciência se articula desde os comportamentos concretos até os comportamentos abstratos, ou como lidamos com a imanência e a transcendência (tão discutidos na *EC* e na *PhP*).

Assim, para fundamentar suas considerações, Merleau-Ponty circunscreve seu método de investigação ao escrutínio da fenomenologia. Neste contexto, a análise gestaltista também é fundamental, pois ela conseguiria descrever a gradual conquista do aparato fonológico e sua relação com o comportamento. Assim, essa análise não considera o comportamento a partir do conhecimento adquirível, o que implica em uma certa contaminação do objeto a ser descrito por uma conclusão já posta – a noção de conhecimento na perspectiva antropomórfica. A *Gestalt* se pauta por uma descrição qualitativa, que não é apenas uma descrição dos elementos puramente objetivos ou subjetivos, mas do fenômeno intersubjetivo e, por isso, observável e verificável. Com isso ela consegue descrever o comportamento não só do ser humano, mas também dos animais. Não é à toa que Merleau-Ponty se utiliza das pesquisas de Goldstein sobre o paciente Schneider, bem como das descrições da afasia, para poder subscrever o fenômeno comportamental do sujeito normal e do

patológico, tal como citamos antes. Aqui passamos a perceber como no comportamento – seja concreto ou abstrato –, a percepção, a intencionalidade e a linguagem são manifestações intrincadas. Todavia, a *Gestalt* possui um limite teórico, o isomorfismo, que restringe o alcance científico dessa escola de pensamento ao derivar os comportamentos de estruturas psicofísicas. Nessa medida é que as considerações fenomenológicas se mostram fundamentais.

Reportando-se ao desenvolvimento infantil agora, o autor afirma que nos recém nascidos, o balbuciar pode ser considerado como um tipo de linguagem ancestral. Notamos que, tanto na *EC* quanto na *PhP*, o gesto e a linguagem se conectam – como um atestado da passagem da imanência para a transcendência que o gênero humano promove, ou na passagem dos comportamentos amovíveis para os comportamentos simbólicos – nesta etapa da vida o balbuciar pode ser compreendido como uma linguagem polimórfica. Dessa maneira, o balbuciar é uma forma espontânea de reagir que a criança assume diante dos estímulos do ambiente que a circunda. Assim, o refinamento dessa linguagem polimórfica, que ocorre com o passar dos meses e dos primeiros anos, projeta-se a partir da incorporação da percepção a esses mesmos estímulos. Logo, tudo se passa na criança como uma modulação de suas reações diante do que lhe é apresentado, e essa modulação pode ser descrita como uma imitação que o próprio infante desempenha ao observar a conduta de outrem. Claro que essa imitação é rudimentar, podendo ser aprimorada com o passar do tempo e com a experimentação da criança. Dessa forma, ela aprimora suas possibilidades de emprego de seu aparato perceptivo, ao mesmo tempo em que refina os sentidos interpessoais que ainda lhe são desconhecidos – leia-se a promulgação do comportamento abstrato a partir do domínio do comportamento concreto. Tal fenômeno ocorre similarmente com o rabiscar e o escrever. De uma maneira geral, essa concepção de que a linguagem é inseparável do gesto nos confirma que a primeira é uma extensão da segunda. Nessa relação a linguagem abre uma nova ordem de possibilidades para a percepção, muito pelo fato da linguagem não possuir

órgãos fisicamente delimitáveis. Assim, ela desempenha o papel de introduzir a criança à superestrutura que é a cultura.

Seguindo o fio condutor do argumento, Merleau-Ponty assevera que a primeira palavra é o momento em que a criança consegue articular uma pluralidade de sentidos em uma palavra-sentença. Para ele, a tentativa de dividir o que veio antes da primeira palavra seria uma atitude meramente arbitrária. Isso se deve pelo fato de o desenvolvimento da criança não consistir em uma linha reta que pode ser marcada por fatos delimitados e exteriores entre si de maneira absoluta, mas sim como um processo de investimento da criança em suas relações com o mundo. Nessa medida, a criança poderia ter esse sentido incutido nela mesma, mas ainda não conseguiria articulá-lo como fala. Lembremos que a atitude categorial é posterior ao ato concreto, pois podemos realizar várias atividades e tarefas sem nem mesmo considerarmos reflexivamente a completude das ações nelas empregadas. Dessa forma, a criança passa de um estado onde o conhecimento dos objetos é mediado pelo comportamento, ou pelos gestos, para o estágio de articulação do conhecimento das coisas, que se assume na relação signo-significado. É importante salientarmos que essa relação signo-significado, não é a mera expressão de um signo mental adquirido, mas um novo tipo de manifestação do sentido que a criança já possuía em seus gestos.

Outro elemento que pode ser percebido nas observações discutidas até o momento, é a noção de que a linguagem não pode ser concebida como a soma de vários caracteres. O realismo pode postular que a linguagem é uma espécie de inventário, pelo fato de se ater a interações estritamente categoriais e unívocas, isto é, absolutamente referências e diretas. De modo contrário, a descrição da aquisição da linguagem nos indica que a própria linguagem é um sistema de variações que tornam possíveis o emprego das palavras. Sendo assim, a concepção de uma evolução da aquisição da linguagem, a partir de uma explicação arbitrária, isto é, que concebe a existência de estágios sucessivos, é equivocada. Para o autor, é mais proveitoso conceber que existem certos momentos privilegiados no desenvolvimento das crianças, onde a aquisição da

linguagem é uma apropriação das formas (*gestalten*) da linguagem, para que elas possam articular estruturas cada vez mais gerais. Para poder explicar melhor essa concepção, Merleau-Ponty se deterá nos temas da aquisição do fonema e da atitude mimética da criança.

Começando pelo primeiro ponto, o autor afirma que os fonemas não possuem uma referência absoluta com seu significado. Contudo, não quer dizer que eles possam ser considerados como vazios de qualquer sentido, mas que são apenas elementos da linguagem que possuem sentido em si mesmos. Utilizando-se das reflexões de Roman Jakobson³, Merleau-Ponty afirma que o sistema fonético parece uma realidade irreduzível e que a aquisição da linguagem consiste na integração do indivíduo na estrutura linguística que o envolve. Citando Jakobson, na passagem do balbuciar para a linguagem há uma deflação do primeiro, ou seja, a pronúncia correta de fonemas implica em sua diferenciação e, conseqüentemente, na possibilidade de delimitação dos sons e de seus significados. Nesse sentido, a multiplicidade polimórfica do balbuciar cede espaço para o caráter formal da linguagem. O que nos leva à seguinte conclusão: a aquisição da linguagem não é a aquisição de uma capacidade de pronúncia, pois o balbuciar já é uma pronúncia, mas que ainda não é circunscrita ou delimitada. Logo, a aquisição de um fonema está mais relacionada a uma alteração do valor significativo da fala. Em tal contexto, a linguagem é, para a criança, uma espécie de jogo no qual a descoberta de sua estrutura e de suas regras precisa ser experimentada e correspondida por meio de sua relação com o outro. Apenas nesse solo de intersubjetividade é que a progressão da aquisição da linguagem poderia ser estabelecida.

Além disso, seguindo o argumento, o autor afirma que a linguagem desempenha uma função tripla, sendo: uma função representativa; uma função expressiva; e, por fim, uma função de apelação ao outro. Sendo assim, o fonema não é apenas um fenômeno físico/fisiológico, mas também psicológico. O que podemos concluir então

³ Aqui o autor se refere ao texto de Jakobson intitulado *Child Language, Aphasia and Phonological Universals*.

é que a aquisição dos fonemas não é o resultado de uma classificação intelectual. Esse processo consiste na progressão delimitativa dos signos fonéticos e de seus respectivos significados, algo que é imanente ao que a criança ouve e que se relaciona com o mundo percebido, bem como com sua postura ao aderir às estruturas deste mesmo mundo. Logo, o sistema fonético é um estilo de linguagem que a criança passa a integrar ao participar da intersubjetividade. Isso é o que nos levará agora ao tópico do fenômeno da imitação.

Para essa discussão sobre a imitação infantil, Merleau-Ponty se utilizou das reflexões de Paul Guillaume⁴. Esse autor se diferencia das concepções clássicas⁵ ao afirmar que antes de iniciar um movimento, nós não representamos todas suas etapas em nossa mente. Logo, não haveria em nós uma representação ponto a ponto dos movimentos que executamos, ou mesmo de outrem. Nesse caso surge uma questão, qual seria o intermediário da percepção e da imagem visual do outro, ou qual seria o princípio do movimento de imitação da ação do outro em nosso comportamento? A resposta alcançada por Guillaume seria que a criança imita, a partir de seus próprios meios, os fins das ações que ela observa nos outros. Dessa maneira, o terceiro termo, que conecta o ato de imitar com a imitação almejada, é o ambiente no qual o infante se encontra. Tal ideia nos remete a um movimento de (re)constituição do sentido que o organismo opera, isso a partir dos estímulos que recebe do exterior. Portanto, a configuração de um sentido de finalidade dos objetos parece perpassar o processo de aderência da intencionalidade, ainda não circunscrita a um código, mas latente nas coisas e nas suas relações com outrem. Isso também implica na despersonalização da criança, que não representa suas ações para si mesma, mas se dirige às coisas e aos efeitos das mesmas através da percepção. Em tal configuração da imitação infantil, Merleau-Ponty afere que a imitação se manifesta de maneira

⁴ *L'Imitation Chez L'Enfant*.

⁵ Aqui podemos inserir as teorias que tendem a descrever o comportamento a partir de noções atomísticas, como nas reflexões de Sherrington, de Pavlov e de Piaget – os dois primeiros amplamente criticados na *EC* e o último nos cursos ministrados na Sorbonne.

imane, pois ela “*almeja o resultado global e não um detalhe gestual*” (CLA, 2010, p. 22).

Um outro elemento essencial que deve ser levantado é que quando discutimos os processos miméticos de uma criança de poucos meses, ou que está em seus primeiros anos de vida, é que ela não possui um “eu” reflexivo totalmente concebido por si mesma. Nesse estado a despersonalização e o direcionamento a seu ambiente, bem como os elementos que o compõem, são mais manifestos. Em suma, suas intenções estão nas coisas e nos seus fins. Essa despersonalização originária da criança também se prolonga no fenômeno de aquisição da linguagem, que Merleau-Ponty expressa nos seguintes termos:

A aquisição das palavras desempenha o papel de efeito ou causa em relação à autoconsciência? Existe evidentemente uma ação recíproca; a palavra torna a noção mais precisa. Mas a criança não poderia entender o significado dos pronomes se sua experiência já não contivesse uma reciprocidade com os outros. A linguagem é apenas um caso particular de imitação. Guillaume compara a aquisição de uma nova palavra à adoção de um papel: emprestar uma nova expressão é como pegar um terno emprestado, é um comportamento (CLA, 2010, p. 25).

Desse modo, a incorporação do comportamento alheio, que sempre visa um fim, mostra-se como um ato concreto. Além disso, podemos perceber que a criança opera uma espécie de simpatia primitiva, pois a simpatia como conhecemos reflexivamente ainda não poderia ser efetivada, pois a própria categoria de um “eu pensante” não é possível neste período de formação.

Dentro dessa enformação do comportamento infantil, Merleau-Ponty indaga o próprio fenômeno da intersubjetividade. Para poder pensar o problema da existência do outro o autor recorre às reflexões de Max Scheler⁶, que foi aluno de Husserl e também é abordado na *PhP*. No geral,

⁶ *Esencia y Formas de La Simpatía*.

o argumento de Scheler gira em torno da noção de que o “eu consciente” emerge da expressão (ações, reações, etc.). Logo, essa autoconsciência só pode existir em contato com um solo de relações com as coisas e com outros indivíduos. Desta feita, consciência e expressão se tornam inseparáveis, aqui compreendendo a expressão como a relação com o outro, com o ambiente e com o mundo cultural (CLA, 2010, p. 30). Nessa medida, para Scheler, as consciências são separadas apenas pela corporalidade e a particularidade de uma intenção pode ser compartilhada com outros. Esses elementos giram em torno do conceito que Scheler elaborou pela alcunha de “evidência emocional”, no qual podemos alcançar o outro por meio de suas manifestações expressivas. O que pode ser entendido nos seguintes termos: “*a percepção das manifestações dos outros implica uma hipótese sobre suas consciências que, por analogia, produz manifestações semelhantes em nossas próprias consciências*” (CLA, 2010, p. 31). Nesse sentido, consciência e manifestação são a mesma coisa. E o mais importante, na leitura pontiana, esse *cogito schilleriano* é opaco, pois é reduzido ao contato do eu consigo mesmo, e os outros elementos de sua manifestação são reportados à expressão e suas condições culturais. Portanto, em primeira instância há a consciência opaca e depois uma autoconsciência, ou, em termos pontianos, há um conjunto de comportamentos concretos embasando uma série de comportamentos abstratos.

No geral, a relação eu/outro consiste num tipo de movimento dialético, onde os dois termos não podem se extinguir, pois na eliminação de um o outro também será obliterado. Essa interação dialética do eu/outro é comparada por Merleau-Ponty com a dialética hegeliana do senhor e do escravo. Assim, de modo geral, a ipseidade necessita do outro. Teoricamente, o problema do outro é insolúvel, contudo, ele é compreensível existencialmente. Neste momento de sua investigação, o autor concebe seu trajeto como uma espécie de circularidade, pois:

[...] para compreender a aquisição da linguagem, estudamos a imitação apenas para descobrir, seguindo Guillaume, que a imitação não é precedida pela

apreensão consciente do outro e pela identificação com o outro. Ao contrário, é o ato pelo qual se produz a identificação com os outros. Isso nos leva a indagar o que a consciência de si e do outro realiza com esse ato; então nos encontramos trazidos de volta à noção de expressão (CLA, 2010, p. 32-33).

Agora a linguagem só pode ser entendida como um fenômeno expressivo, constitutivo da consciência e cujo processo de aquisição se apresenta como uma operação criativa. Operação que ocorre na medida em que a assimilação dos elementos ambientais e culturais se sucedem a partir de uma operação que não domina as regras do que é apreendido, mas deve operar com esses objetos até conseguir de fato compreendê-los. Portanto, após essas deliberações, podemos compreender a linguagem, de acordo com Merleau-Ponty, como uma gesticulação semiológica, que passa da imanência à transcendência. Assim completando e prolongando as considerações acerca da linguagem que foram expostas na *EC* e na *PhP*. Ou dito em outros termos, a aquisição da linguagem se inicia com a assimilação e a execução de uma percepção nebulosa, que vai paulatinamente clareando seu sentido. Entretanto, a circularidade que se apresenta em seu argumento é insuficiente para fundamentar o início da aquisição da fala, bem como de outros comportamentos em geral. Isso se manifesta pela concepção do *a priori* de correlação, que se pauta pela divisão da consciência humana entre uma camada de comportamento concreto e outra camada abstrata. Sendo assim, será necessário buscar novos meios de justificação de sua tese, sem recorrer a preceitos ou prejuízos das filosofias clássicas, presentes tanto no empirismo quanto no intelectualismo.

Do Sensível à Expressão

Frente ao que exploramos até aqui, manifesta-se a necessidade de compreender como essa aderência perceptiva pode se tornar uma fala articulada ou uma expressão individual da reflexão. Parece-nos que o curso

ministrado por Merleau-Ponty, denominado *Le Monde Sensible et Le Monde de L'Expression (MSME)*, pode nos auxiliar nesse ponto. Nele podemos verificar cinco eixos centrais de investigação: a visão, o movimento, o esquema corporal, a descrição de algumas patologias psicofisiológicas e, por fim, a relação entre sensibilidade e expressão. Tais temas já foram desenvolvidos pelo autor desde a *EC*. Contudo, vamos verificar aqui como Merleau-Ponty desenvolve os elementos da lógica sincrônica e diacrônica da linguagem, junto do jogo já empregado entre figura e fundo na percepção. O que culminará no debate sobre a consciência do desvio (*écart*), bem como suas primeiras consequências contra a dicotomia apresentada entre o comportamento concreto e o comportamento abstrato – que ainda subentende prejuízos idealistas.

No início das notas de *MSME*, o autor especifica que o que ele toma como mundo sensível são as coisas, já o mundo da expressão é tudo aquilo que passa pelo expediente reflexivo e cultural, desde utensílios até símbolos (*MSME*, 2011, p. 45). Em síntese, a finalidade do curso é delimitar e aprofundar como o mundo percebido já supõem uma função expressiva, ou como o conjunto da contingência sensível é abordado pelas possibilidades expressivas. Sendo assim, poderemos verificar elementos que irão perfazer sua futura ontologia, mas não completamente, pois aqui ainda não será empreendida uma investigação sobre o ser bruto ou o ser selvagem. A finalidade neste momento é a articulação entre sensibilidade e expressão em uma teoria concreta do espírito, utilizando o dispositivo perceptivo para desnudar os fios que conectam ambos, isso em uma estrutura dada aquém da divisão entre sujeito e objeto. É importante salientar que aqui o pensador ainda concebe o ser como ontologicamente acessível pela percepção. Dessa forma, a discussão que empreendemos sobre esse curso ainda manterá algumas das consequências da *EC* e da *PhP*, mas também será o pontapé para outras paragens de sua obra. Portanto, será nesse contexto que o autor evitará os erros das suas

primeiras obras⁷ e tentará agregar os resultados adquiridos com as reflexões acerca do conceito de expressão.

Primeiramente, partimos do ponto de que o acesso ao objeto é uma proximidade plena, mas que, na mesma medida, preserva a distância de um olhar de sobrevoos. Isso, assim ocorre, pois o conceito, o sentido e a essência só podem ocorrer na duplicidade de um movimento centrípeto e centrífugo simultâneos. Primeiramente, há uma proximidade na medida em que estamos sincronizados com os objetos. Porém, a distância surge dessa vibração da coisa sobre meu corpo ao atestar em nós uma interioridade que não pertence a coisa. O que desemboca na interação com os objetos por meio dos gestos e a designação deles por intermédio da fala, que também é um gesto, mas mais atrelado ao mundo da expressão que, por sua vez, dá concretude ao comportamento. O que leva Merleau-Ponty a afirmar que a consciência que temos das coisas é uma consciência monádica delas, na medida em que podemos conceber sua unidade rigorosa e imediata. Porém, ela nunca se encerra em si mesma – com isso o autor quer transmitir a ideia de uma universalidade dos objetos que nos é entregue por eles mesmos, sem implicar um horizonte que não esteja para além do próprio objeto, pois ele baliza sua própria verdade. Aqui a consciência perceptiva nos fornece existências, antes mesmo de valores ou significações. Desse modo, ao dotar o indivíduo de um ponto de vista, a percepção faz com que ele possa se conceber como anterior aos objetos, mas sem pressupor a sua presença ideal. Destas considerações o pensador pode consentir a ideia de que o sentido tomado aqui ainda não é uma essência, pois ele se concatena primeiramente com uma camada existencial e pré-reflexiva, que, posteriormente, pode vir a ser um objeto tematizado pela consciência. O que faz com que o existente possua uma lógica interna e um sentido tácito, que se revela mais em suas diferenças e em suas faltas do que na

⁷ Aqui podemos citar, principalmente, as consequências pertinentes à noção do cogito tácito e a temporalização da consciência a partir de sua interioridade. Tais posicionamentos buscaram expressar um distanciamento intencional da consciência frente ao mundo, como modo de evitar sua própria reificação, mas acabaram reforçando as características fundamentais das filosofias da consciência e seus prejuízos clássicos e objetivistas.

delimitação como significado ou essência. Aqui o autor nos descreve que a percepção é uma consciência não tematizada de um sentido negativo, como um *écart* (diferença, desvio ou variância) de um certo nível. Esse nível é tido aqui como “o quadro universal de uma ação no mundo” (MSME, 2011, p. 50), já o *écart* é concebido como o sentido dessa configuração ou a estrutura variante a partir de tal nível⁸. Será nesse contexto de explicitação da consciência perceptiva e do *écart* – como esse sentido diacrítico notado na mudança de um nível para outro – que a expressão se fará necessária. Isso ocorre pelo fato da adoção de um certo nível na percepção se reportar ao expressivo. O que significa afirmar que a significação supõe que o sensível se comunique conosco por meio de nosso aparelho perceptivo e por meio de uma linguagem tácita que lhe é própria, sendo essa a expressão.

Com tal delimitação geral do *écart* e da expressão, Merleau-Ponty irá trabalhar os elementos que citamos a pouco – a profundidade, o movimento, o esquema corporal e o fenômeno da patologia –, inicialmente, abandonando a noção de uma consciência reflexiva. Isso ocorre apenas para poder vislumbrarmos qual seria seu verdadeiro lugar antes da cristalização da própria reflexão. Lembremos que essa consciência reflexiva se reporta ao que está exposto na *EC* e na *PhP*, sendo respectivamente os comportamentos superiores e os comportamentos abstratos. E só depois desse momento é que o autor discorre sobre a consciência perceptiva, ou seja, sobre os comportamentos ditos inferiores e concretos. Sua finalidade será a de verificar o fundo – no sentido gestaltista – que faz parte do ser e que nos é apresentado incessantemente quando estamos despertos. Logo, Merleau-Ponty tentará verificar como o fundo começa como algo implícito e que posteriormente pode emergir como figura. Portanto, o autor supõe que há algo antropológico e não tematizado na percepção, o que significa afirmar que o ato de mostrar algo, por exemplo, já supõe um espaço virtual ou cultural. Ou como Merleau-

⁸ É importante salientar que agora fica delimitado o que é *écart* e o que é *déviacion*, pois o autor passa a considerar o segundo termo como uma noção de desvio espacial, enquanto a primeira noção de desvio se reporta ao descrito à pouco.

Ponty afirma: “*A expressão aqui não nos separa da situação corporal, pois ao contrário assume todo seu sentido, aprende minha própria situação a tal ponto que ela própria procura os meios de pensar os outros*” (MSME, 2011, p. 52). Resumidamente, o autor, assegura que a expressão é uma espécie de mímica do mundo que é articulada pelo corpo, na medida que esse corpo já está imerso numa cultura e cingido por objetos de uso e por entidades simbólicas. Para o autor, esse seria o trabalho de uma *práxis* que se investe não só sobre predicados gnósticos, mas sobre esse espaço virtual e mais ainda sobre os predicados culturais.

Seguindo a linha de raciocínio apresentada até o momento, Merleau-Ponty buscará uma síntese que nos entregue significações, mas que não seja identificada como uma síntese externa. Isto é, devemos passar de uma ubiquidade espacial para uma ubiquidade temporal, por meio de uma série de retenções, o que nos lembra o projeto da *PhP*. Contudo, o autor salienta que seu intuito neste momento é o de investigar essa passagem por meio da noção de movimento, ou seja, contemplando não mais uma síntese temporal que organiza a consciência, mas tomando os elementos que compõem a expressão como o ensejo daquilo que delinea a lógica interna da consciência. Portanto, à princípio presenciaremos uma investigação que evitará uma filosofia reflexiva como esfera privilegiada, como ocorreu em suas duas primeiras obras. Embora o autor tenha deixado escapar os supostos ganhos concluídos no final de sua tese, no geral, seu curso buscará vislumbrar isso que caracteriza um novo “*logos da percepção*” (MSME, 2011, p. 54) que desembocará em um “*logos expressivo*”.

De acordo com Merleau-Ponty, podemos tomar a consciência perceptiva como uma consciência indireta, já que ela se reporta ao *écart* diacrônico de um certo nível. Lembrando que este nível está disposto na lógica dialética da alternância entre figura e fundo gestaltista. Dessa maneira o autor irá identificar a consciência ambígua como operante nesse movimento entre figura e fundo. Ocorre aqui uma espécie de validação da relação entre figura e fundo, consistindo na dinâmica de uma consciência falsa e uma consciência verdadeira do fundo, sendo que a segunda só é

notada pela possibilidade de troca diacrítica por outras figuras dispostas nesse mesmo fundo. Fica manifesto que as aberturas às perspectivas do fundo podem nos liberar da ingenuidade da plenitude de uma figura. Talvez poderíamos afirmar que Merleau-Ponty ainda está atrelado à noção de campo de presença esboçado na *EC* e na *PhP*. Contudo a abertura a um devir da figura numa lateralidade do espetáculo perceptivo, já nos adianta alguns elementos do que será o ser vertical, futuramente elaborado em suas últimas obras. Assim, a consciência ambígua nos revelaria uma verdade que só pode ser percebida nas lacunas do ser, enquanto um *écart*. Assim é-nos apresentado uma consciência-de-si que se comporta como dualidade do ser-aparecer, primeiramente como generalidade e anonimato expressivo e, posteriormente, como reflexão expressiva (*MSME*, 2011, p. 63). Esse será o interesse do curso em questão, a passagem da expressão natural para a cultura ou expressão não linguística. Portanto, aqui será almejado a inflexão que faz com que o mundo cultural ultrapasse o mundo natural, mas como uma camada antropológica tácita e dotada de uma *práxis* constituinte. *Práxis* essa que é antes uma frequentação das coisas do que o ato de as possuir⁹. Apenas nos próximos cursos serão abordadas a linguística propriamente dita e a investigação do *eidós*.

Frente ao projeto esboçado até aqui é que será possível afirmar que o retorno à descrição do movimento é essencial, pois para o autor: “*a percepção do movimento já é expressão*” (*MSME*, 2011, p. 68). Para Merleau-Ponty, o movimento implica o espaço, e esse segundo possui uma primazia cronológica ou transcendental. É no espaço que nossa ancoragem acontece e a partir dela é que podemos assinalar algum nível. Assim sendo, a partir dessa análise qualitativa do espaço é que Merleau-Ponty vislumbra a quase síntese corporal que é a expressão, esse elemento intermediário do sentido perceptivo e de seu campo – sentido que é formulado na experiência antes da elaboração ou da constatação das categorias de sujeito e de objeto.

⁹ O que, a nosso ver, remete a articulação de um sentido e de uma ação desencadeados pelos estímulos do ambiente. Similar as descrições da *EC*, sobre os comportamentos inferiores, e o caso de Schneider e a concretude de seu comportamento, narrados na *PhP*.

Merleau-Ponty também sustenta os seguintes pontos: que o espaço é uma totalidade positiva que dá as suas próprias regras; e, assim, o que percebemos do espaço não é um mero conteúdo, dado sensível ou uma formalização do espírito. Dessa maneira, o autor assenta a ideia de que a percepção é uma inspeção do espírito e não de partes independentes do corpo. Além disso, ele delimita que o espaço é composto de relações transponíveis e que se desdobram no entendimento (*MSME*, 2011, p. 76). Contudo, faz-se forçoso compreender que o espaço, mesmo sendo essa totalidade relativa, não pode ser compreendido como incondicionado. Para o autor isso significa dizer que existem valores espaciais provisórios e resistentes, ou seja, que poderiam ser revivificados em outros contextos. Dito de outro modo, o espaço como totalidade pode ser revisitado mesmo com a mudança de nível e a constatação do *écart*, mesmo variável ele tem um núcleo duro que não podemos rejeitar na percepção. Assim, nossa percepção atual do espaço se concatena com as percepções passadas, porém, o que seria esse pensamento natural que unifica essa experiência? Seria uma relação existencial e jamais uma relação arbitrária. É habitando o mundo que esse pensamento natural se revela, ou seja, ele só é compreendido a partir do pertencimento do corpo a esta realidade dada. Em suma, esse pensamento natural é a expressividade do nível e do *écart*, que operamos em um espaço inexorável à percepção e ao corpo.

Para Merleau-Ponty, a percepção de um movimento é um valor situacional, isto é, que toda percepção é a modulação de uma situação e que não pode se confundir com a ideia de um sujeito puro. Situação essa que se apresenta como uma autorregulação do campo onde essas experiências podem ocorrer. Dessa forma, quando pensamos nos diferentes elementos que compõem um determinado campo, isto é, sua possibilidade de diferenciação dentro da lógica do jogo entre figura e fundo, ou do nível e *écart*, podemos salientar que cada ponto percebido é passível de distinção no e do movimento, como um símbolo que quando contextualizado com o todo, revela-nos seu sentido inerente. Assim sendo, esses símbolos veiculam seu próprio sentido diacrítico, como uma carga de pensamento pré-pessoal (*MSME*, 2011, p. 109). De modo geral, tudo se

passaria na estrutura espaço-temporal como se o sujeito percebesse o estilo do próprio campo ou meio em que está disposto, bem como em seu modo de apresentar seus símbolos e seus significados mais íntimos. Vale salientar que esses símbolos e signos aqui são mais identificados como: “*várias realizações de uma única potência de variação fonemática, que se distinguem apenas por se oporem, que são diacríticos e em interação*” (MSME, 2011, p. 111). Portanto, o movimento se manifesta como revelador de seu próprio sentido e de suas prováveis variações, na medida em que carrega consigo a maneira pela qual podemos compreender sua própria causa e seu efeito.

O que nós podemos compreender até este momento? Merleau-Ponty identifica o sujeito perceptivo com o sujeito expressivo, sob a égide de que suas condutas não se tratam de uma posse de um número restrito de relações, ideias ou estímulos – tal como já discutido na *EC*. O que se apresenta aqui como novidade é esse estofo diacrítico do nível e do *écart*, que suscita ou clama em nós a necessidade de constatação de uma diferença e de um sentido. Logo, seria a própria dinâmica das coisas e de seu campo que nos compele a perceber e a comunicar seus meios e fins.

Outro ponto importante é que com essa identificação interna do movimento, nós começamos a compreender sua possibilidade em promover equivalências, manifestada em sua capacidade de se inscrever ou se sedimentar em nós. Do mesmo modo, a inscrição do tempo como generalização da duração do movimento, é proveniente da noção do tempo como um ritmo (*tempo*) elementar e essencial aos objetos, tal como é o espaço. Assim, é por meio de nossa experiência habitual com o tempo, de como nós primeiramente experienciamos ele nos objetos que se movem, é que podemos chegar a sua formulação mais ampla e abstrata¹⁰. Agora o tempo passa a ser um elemento da existência, deixando de ser identificado com uma potência interior que promove sínteses perceptivas (passivas) e reflexivas (ativas), tal como ocorreu na *PhP*. Apenas partindo dessa

¹⁰ Aqui somos levados a uma concepção kantiana da estética transcendental, no que diz respeito à possibilidade de formulação de uma unidade temporal eterna a partir dos momentos contingentes da temporalidade.

relação mais concreta – como constatação de uma mudança da articulação espacial do campo e de suas propriedades temporais – é que poderíamos derivar uma referência (*référance*) ao tempo absoluto da consciência. Diferente da *PhP*, aqui o tempo ajuda a firmar o espaço e o movimento como intrínsecos ou idênticos ao tecido perceptivo, mesmo que não acessível de maneira totalmente direta. Consequentemente, com a alteração da cadência do movimento, de sua velocidade ou duração, altera-se seu sentido. Para o autor os diversos ritmos (*tempos*) de apresentação, ou as diferentes modalidades de temporalização, é que definiriam um campo temporal particular. Aqui o tempo, pelo fato de passar a ser um elemento exterior tal como o espaço, torna-se um dado também relativo – enquanto dependente do campo ou do meio que nos circunda – e ao mesmo tempo inalterável – enquanto dado factual.

Inserido nesse conjunto de premissas, Merleau-Ponty elenca as características elementares do corpo próprio, sendo então: sua inserção no espaço, mas não como um objeto puro; sua unidade, distinta de uma soma de suas partes; sua intersensorialidade; a sua dinâmica de incorporar o devir para cumprir uma ação; e sua manifestação como esquema perante o que lhe é exterior – sistema de referência (*référance*) como um aqui absoluto (nível atual), como totalidade de sentido entre suas partes, como sistema de equivalências intersensoriais imediatas (remetendo a ideia do paralelismo de estrutura da *EC*) e como a relação com o espaço que forma um sistema que ele frequenta (*MSME*, 2011, p. 128-129). É importante salientar que essa unidade do corpo se apresenta de maneira centrífuga¹¹, ou seja, que nossa configuração corporal nos prepara e baliza nosso contato com o meio (*milieu*). Será por meio desse contexto, ou configuração, e dessa inserção podemos situar as partes de nosso corpo tanto em nosso esquema quanto em relação às coisas. Além disso, o corpo consegue operar acima de suas lacunas, o que significa que ele se lança no

¹¹ Aqui temos uma diferença do que foi afirmado na *EC* e *PhP*, anteriormente o movimento centrífugo fazia jus ao comportamento abstrato e a sínteses temporal na reflexão. Agora ela é deslocada para o que na nomenclatura da *EC* são os comportamentos inferiores e na *PhP* ficou conhecido como comportamento concreto.

mundo sem tematizá-lo completamente, ou seja, ele pode operar na realidade abaixo de sua esfera judicativa. O que nos leva ao princípio compensatório do corpo, que consegue operar uma ação mesmo com a falta de determinados elementos em sua estrutura, tal como ocorre com o membro fantasma ou com as lesões já descritas no paciente Schneider – como uma espécie de regressão orgânica/reflexiva. Portanto, o corpo é nossa medida do mundo, nosso grau zero de *écart* (desvio). Enfim, o corpo é esse meio no qual a percepção se efetiva, como cruzamento entre a natureza e a cultura.

Agora, falando um pouco do horizonte no qual o corpo está inserido. Nesse contexto da *práxis* e do *écart* (desvio), o fundo se apresenta não como o estofo que podemos pensar retroativamente, pois essa característica é secundária. Primariamente o horizonte de percepção é prospectivo, pois ele engloba a possibilidade de apreensão de outras perspectivas, objetos ou lacunas. Assim sendo, o horizonte é um projeto da totalidade perceptível, é a condição de variação da experiência. O mesmo pode se estender a linguagem, que em seu universo de signos e significados, exprime as diferenças das significações. Assim sendo, do mesmo modo que a linguagem é diacrítica, o corpo erige um “*index de nossas relações pré-téticas com o espaço onde somos estabelecidos por ele*” (MSME, 2011, p. 143). Dessa feita, o esquema corporal e a linguagem se aproximam como modelos de estrutura do mundo percebido, onde o segundo se enraíza no primeiro. Ou como poderíamos afirmar, só pode existir uma expressão diacrítica da linguagem na medida em que existe uma expressão diacrítica da percepção. Logo: “*o movimento faz a junção do mundo sensível e do mundo da expressão*” (MSME, 2011, p. 149). Aqui temos o mesmo estatuto da gestualização da linguagem e da consciência, obtidos pela promoção de uma *práxis* da situação do corpo no mundo. Contudo, tanto a síntese temporal parcial quanto a síntese temporal reflexiva são abandonadas. Não tratamos mais a consciência como um horizonte transcendente que precisa ter seus dados parciais coletados, isto é, como se a mente fosse uma coleção de fragmentos interdependentes da realidade, mas sim como uma transcendência que se alarga na medida

em que nossas capacidades e repertórios diacríticos são ampliados pela percepção, para serem assumidos como expressão. Assim, o autor busca suprimir o caráter idealista das conclusões da *PhP*, muito marcado pela divisão da consciência em condutas concretas e abstratas. Desse modo, poder conhecer ou anteciper o movimento do corpo, tomado como medida do movimento externo em geral e como estilo de si próprio e das outras coisas, no fundo, é reconhecer, por meio da lógica do nível e do *écart* (desvio), a esfera pré-lógica do mundo e do sujeito. Esse movimento é o que nos levará a expressão cultural, pois a sensibilidade já é seu esboço o delineamento de sua coerência interna. Tal como Merleau-Ponty afirma: “A relação ação-mundo e a relação eu-meu corpo são uma só: o corpo me diz porque as coisas dizem-lhe – Sua intencionalidade e minha residência nele são sinônimos” (MEMS, 2011, p. 152).

Agora surge uma questão fundamental para a investigação pontiana acerca da passagem do mundo sensível para o mundo da expressão, seria a mobilidade fundada em nosso ser como consciência ou o contrário? O que também se traduz na questão da primazia entre os elementos práxicos ou gnósticos. Fica manifesto no *MSME*, mas também podemos perceber tanto na *EC* quanto na *PhP*, que o campo das ações e das significações são concomitantes no sujeito. Quando abordamos as lesões de Schneider, percebemos que a tentativa da superestrutura cerebral em compensar os danos em suas infraestruturas – que deveriam desempenhar uma função privilegiada em relação às outras. Porém, essa tentativa de compensação se transforma em um modo de mascarar tanto suas apraxias quanto suas agnosias. Numa concepção mais ampla toda apraxia será uma agnosia e vice e versa, mas também apraxias e agnosias serão eventos absolutamente separados, pois descrevem efeitos diferentes. Merleau-Ponty arremata essa questão nos seguintes termos:

Então a questão: móveis porque conscientes ou conscientes porque móveis? Impossível de responder em um sentido causal: pois a mobilidade não será causa da consciência que já a contém, e a consciência não será causa da mobilidade que já a contém (*i.e.* a

situação). É a mesma coisa ser móvel no sentido humano e consciente. Antecipação do superior no inferior, mas retomada e mudança do sentido do inferior no superior. Mobilidade no sentido onde ela já pertence ao nosso corpo como expressão, mas também emergência nessa mobilidade de uma dialética da expressão que a transforma.

Esquema corporal e abertura a um mundo pela motricidade. Mas também relação com o outro, linguagem, pensamento. Então ao menos esboçar essa dialética do movimento – gesto – linguagem, onde o movimento se torna expressão (*MEMS*, 2011, p. 158).

Portanto, o que temos aqui não é mais uma articulação entre um comportamento concreto que é subordinado a um comportamento abstrato, ou seja, que efetiva e explica as sínteses dos horizontes e do tempo, resultando numa formulação derivada dos prejuízos idealistas de uma filosofia reflexiva. Temos neste momento um movimento incessante de ampliação diacrítica da expressão, motivada por nosso acesso perceptivo ao mundo. Aqui os movimentos centrífugos e centrípetos, que o sujeito desempenha em seu contato com o mundo, compõem a promoção de uma antecipação daquilo que ele pode ser e compreender, seja implicitamente ou explicitamente. Assim, falar de um movimento de antecipação da consciência pelo movimento, bem como da explicação do movimento pela consciência, faz-se essencial para escapar dos problemas herdados da *EC* e da *PhP*, mas sem jogar fora os ganhos teóricos conquistados em ambas. É também dessa maneira que Merleau-Ponty pode abrir caminho para o que discutimos acerca do processo de aprendizagem na seção anterior, pois a reflexão que promovemos agora poderia ser identificada como o ponto inicial do processo de conquista da fala e de novos comportamentos.

Resumindo, realizada essa articulação entre sensibilidade e expressão, o autor poderá sustentar que a relação que temos com nosso corpo não é só a medida para dimensionarmos o mundo e as coisas, mas também nossa relação com outrem. Faz-se presente uma afetividade no esquema corporal, que se ancora nessa relação entre “eu” e outrem. Tal estrutura libidinal é uma abertura a estrutura social do esquema corporal,

como uma corporalidade inter-humana, como uma corporalidade imbuída de um sistema simbólico. Assim interagimos não apenas em relações interindividuais, mas em um âmbito histórico e social. Dessa maneira emerge uma noção de verdade que é guiada pela origem diacrítica e dialética da linguagem e que, por sua vez, é apoiada sobre o esquema corporal. Nessa medida, para Merleau-Ponty, a consciência se apresenta como uma articulação, uma abertura, uma sublimação das coisas que são identificadas por seus desvios (*écarts*) delimitados. A consciência não se apresenta como a não posse de representações, pois ela é uma potência que se projeta e que procura se encarnar. Sendo assim, a consciência opera um duplo movimento: de um significado descendente do mundo, que permite sua existência como uma inconsciência e uma despersonalização; e um movimento de metamorfose da percepção em expressão, como possibilidade de tematização de si, das coisas, do mundo e do outro. Para o autor, a passagem da expressão de uma ordem a outra, de uma opacidade para uma transparência, é o que dificulta nosso trabalho de precisá-la, pois nessa virada ela própria se vela. Assim sendo, resta-nos compreender como o fenômeno da aprendizagem se organiza a partir destas últimas conclusões.

Gnoseologia, Palavra e Expressão

Seguindo o raciocínio pontiano, podemos agora vislumbrar como seria possível articular as relações entre a aprendizagem, o uso da linguagem e a conquista das funções corporais intersubjetivas como um processo mútuo desenvolvimento da percepção e da expressão. Veremos que tal noção é melhor sistematizada pelo autor no curso ministrado por ele entre 1953 e 1954, intitulado *Le Problème de La Parole (PrPr)*. Afirmamos isso na medida em que as notas desse curso reúnem tópicos já explorados pelo pensador, mas agora dispostos em uma progressão gnosiológica. Temos na *PrPr* três eixos principais apontados por Lovisa Andén no prefácio da edição que utilizamos: o primeiro é dedicado aos

estudos próprios da linguística, a fim de delimitar a fenomenologia da linguagem tão almejada pelo autor, ou seja, falar da língua pela perspectiva da própria língua; no segundo eixo temos a articulação da aquisição da linguagem na infância, em paralelo com o problema da afasia, cujo o intuito é verificar qual o horizonte de formação e de dissolução da passagem entre percepção e expressão, ou da imanência para a transcendência; por último, temos a deformação coerente artística com Proust, que toma como pedra de toque sua prosa, mas que reverbera na poesia, nas artes plásticas e na música também.

Mas porque apontamos uma gnosiológica neste curso? Pelo fato de Merleau-Ponty articular em uma progressão os fenômenos de aquisição da linguagem na infância, sua possível perda com emergência de patologias no decorrer da vida e da possibilidade de ressignificação do que foi apreendido, como instituição cultural, em novos meios de expressão por meio da experiência estética. Seguindo este itinerário, o argumento pontiano articula de maneira satisfatória, pelo menos ao nosso ver, a passagem do concreto ao abstrato, ou do *logos* perceptivo para o *logos* da cultura. Temos nesse curso a articulação dos sentidos imanentes e dos sentidos transcendentais sem desrespeitar a ambiguidade perceptiva tão cara ao autor. Aqui essa ambiguidade gnosiológica se apresenta como aquisição de uma capacidade, a expressão, como articuladora de horizontes e finalidades. Apenas após seu domínio prático é que podemos abordar propriamente seus elementos teóricos, levando em conta os diferentes saltos qualitativos do desenvolvimento psicofisiológico da criança em seu meio cultural. Resumidamente, a ambiguidade do problema da fala seria a questão da nossa aderência ao seu domínio, sem que tenhamos consciência de que adentramos em seu reino e na mesma medida em que ela se adere a nossa interioridade, como nosso corpo não sensível, ou no limite, invisível. Além disso, essa não sensibilidade interior, ou essa invisibilidade, pode se estender a outros corpos, não só de indivíduos, mas também dos objetos, agora passíveis de serem compreendidos como sensíveis e históricos. Aqui a falsa dualidade do corpo e da alma, ou do imanente e do transcendente, dissolve-se, pois o sentido se manifesta por meio de um processo de

aperfeiçoamento da intencionalidade, primeiramente vaga e imitativa e posteriormente delimitativa e reflexiva. Tendo em mente esses pressupostos, iniciemos a análise dos ganhos conceituais do *PrPr*.

Dirigindo-nos para o desenvolvimento da linguagem na criança, Merleau-Ponty suscita a tese de Paul Guillaume, mais uma vez. Em *PrPr*, o autor abordará a ideia de uma consciência ingênua da linguagem. Tal concepção busca exprimir uma aderência do sujeito à língua, mas que não é mera adoção passiva, sendo também um processo de objetivação. Uma forma já conhecida na ideia de transparência da linguagem, onde “*Estar em situação na linguagem = a princípio ignorar a linguagem e se crer no ser*” (*PrPr*, 2020, p. 40-41). Nesses termos, haveria um egocentrismo na criança, uma ignorância de si mesma como sujeito, bem como dos outros, que se manifesta como uma realização quase completa e contínua da percepção das coisas. Dessa maneira, a criança experimenta a vida como se tudo sofresse as suas alterações de humor. Contudo, com o passar do tempo ocorre uma mudança em sua conduta, que quando ela começa a se perceber como um particular entre particulares, sua consciência começa a se destacar por meio de uma transmutação intencional, movida pelos estímulos externos. Assim, há uma supressão do narcisismo infantil, mas que nunca é total. Dessa maneira, seria por meio da promoção de uma síntese intencional do presente perceptivo essa dissolução parcial do egocentrismo infantil ocorreria, o que poderíamos comparar com o processo de ampliação do horizonte diacrítico da percepção explorado no *MSME*. Portanto, a criança começa a se perceber como distinta do ser e do outro ao começar a se diferenciar dos signos dispostos em seu entorno. Todavia, não podemos afirmar que esse processo na criança é uma tomada de consciência absoluta, mas sim uma nova modalidade de aderência que ultrapassa o sentido imanente, assim prefigurando a transcendência.

Seguindo essa linha de raciocínio, Merleau-Ponty procura articular essa ingenuidade da consciência com o logicismo – o uso de categorias lógicas na linguagem. Tal articulação é necessária para poder garantir o aspecto de verdade para o discurso, pois na medida em que a linguagem é apreendida pelo sujeito, ela necessita de um apoio para que seja possível

atestar seu valor intersubjetivo. Seguindo os pressupostos da linguística saussureana, essa pedra de toque da instituição teria de ser a historicidade do idioma. Porém, não como pura contingência da linguagem, isto é, como historicismo, mas como um todo cujo sentido possui uma fonte comum. Logo, aproximamo-nos da própria concepção de instituição sincrônica, que postula seu recorte como imposição das regras gramaticais no presente. Imposição essa que não é derivada de um nada, mas que deixa entreaberto sua carga diacrônica. De modo geral, “*É necessário somente articular suas verdades uma sobre a outra e não impor como categoria lógica isso que não é uma categoria gramatical, não construir uma linguística geral sobre a pseudo-evidência de uma cultura*” (PrPr, 2020, p. 49). Sendo assim, abordar a linguagem é abordar um solo histórico incontestável que se apresenta como substrato concreto e material, além de possibilitar a comparação com outros idiomas.

Em uma perspectiva mais ampla, a descrição da aquisição da linguagem na infância e o apoio dessas estruturas em instituições históricas, visam a superação de um empirismo lógico da linguagem – proeminente no conhecido Círculo de Viena – e um idealismo linguístico. Logo, essa crítica deve ocorrer, para o pensador, na medida em que ambas expressam o mesmo erro epistemológico e ontológico, que afirma a existência de uma sintaxe pura, cujo fim é defender a adoção de regras universais para as diferentes formas de linguagem. De maneira contrária, a imputação histórica que o argumento pontiano busca articular, foge das arbitrariedades empiristas e idealistas, pois busca vislumbrar uma redução arbitrária do funcionamento do espírito, isto é, procura descrever e justificar nossa cegueira aos sentidos. O que ocorre na medida em que percebemos um acaso na formação dos idiomas que, contudo, se apresenta como uma verdade ou uma evidência, isso quando constatamos que sua sedimentação histórica se apresenta como uma inadequação aos sujeitos pensantes e falantes.

Acerca do que verificamos até este ponto no argumento pontiano, a passagem de um sentido imanente para um sentido transcendente teria de ser compreendido como a saída desse logicismo positivamente

referencialista, ou seja, seria preciso apresentar a reflexão como uma forma variada da consciência linguística ingênua. O que nos leva à questão sobre o não-sentido, pois se ele é conquistado pela reflexão, como ele poderia ainda existir, seria essa forma de reflexão uma consciência plena? Não, a resposta de Merleau-Ponty consistirá na defesa de que, a princípio, esse desdobramento não é analítico, mas situacional, tanto existencialmente quanto historicamente. Logo, somos levados a perceber a facticidade da palavra ingênua, para depois buscar a fixação da palavra como definição ou regra. Dito de outro modo, a objetificação da linguagem passa, necessariamente, pela constatação da concretude da fala como sedimento histórico, para depois formalizá-la – seria a sincronia suscitando a diacronia para existir.

Pensando na completude da linguagem, Merleau-Ponty não irá muito além das concepções de Saussure. Ambos compreendem a linguagem como um exterior e um interior, uma facticidade e um sistema, que correspondem, respectivamente, a diacronia e a sincronia. Logo, a análise científica, que a linguística deveria erigir, precisa realizar um corte epistemológico para sustentar o sistema gramatical da língua, bem como a transparência dos signos e significados no interior desse sistema. De fato, essa divisão se apresenta como intransponível no âmbito da investigação científica da linguística, porém ela possui sua interseção na lógica que viemos explicitando. A sincronia tem a necessidade de se apoiar na diacronia, pois apenas assim ela pode se fazer verdadeiramente percebida e compreendida. Para Merleau-Ponty, essa conduta de Saussure expressa sua conduta anti-subjetivista pelo fato dele ser anti-logicista, de tal maneira que:

A palavra no sentido de Saussure, não é apenas a afirmação de sincronias descontínuas, desarticuladas umas das outras, (pois isso estava na objetificação), trata-se de cada sincronia intersectando-se com todas as outras, fundando o fenômeno da linguagem (por exemplo, pela etimologia popular, contraindo a história em um sistema) (*PrPr*, 2020, p. 226-227).

Dessa maneira, a justaposição entre sincronia e diacronia, ou interioridade e exterioridade, teoricamente não poderia ocorrer, pois resultaria no esvaziamento teórico de cada perspectiva. Contudo, uma suscita a outra em sua existência concreta e efetiva, seja em seu uso corrente como um acúmulo de acasos, ou na constatação de um todo coeso e organizado em seus elementos constituintes.

Dando continuidade às considerações pontianas sobre a linguagem, mesmo quando Merleau-Ponty ultrapassa conceitualmente as considerações de Saussure, não surge nada de muito novo do que já foi explorado anteriormente pelo filósofo. Poderíamos destacar os seguintes pontos de sua reflexão: as relações entre som/signo e significado; a concepção da linguagem como forma; o assentimento da língua como uma convenção convergente com uma tradição movidos por um princípio racional e pelo acaso; citações rápidas a Humboldt, mas numa leitura muita mais próxima da *Gestalt* com Goldstein; e a identificação da relação signo e significado com o *écart* (*PrPr*, 2020, p. 68).

Percebemos aqui o salto e a abertura que o problema da linguagem possibilita. Seu ganho é a possibilidade de pensar um novo modo de existência intelectual, isto é, de articular a imanência e a transcendência, por meio de um sentido diacrítico, negativo e desviante. Porém, dessa abordagem surge a problemática concernente ao estofo ou a pedra de toque que poderia sustentar o aparato de mediação intersubjetiva, isto é, aquilo que permite a expressão. Dito de outro modo, como se fundaria e se sustentaria a instituição histórica e cultural? Esse é um problema que não é aprofundado no *PrPr*, mas é desdobrado em outros cursos – *L’Institution*, *L’Origine de la Géométrie* e *La Nature*. De modo geral, o problema que será desenvolvido pelo autor, nos anos seguintes, será a fundamentação do percurso pelo qual a significação se principia como um arbitrário a-causal. Sendo assim, para Merleau-Ponty, o grande ganho de Saussure seria essa interrogação sobre como a palavra carrega em sua espessura um teor de verdade sobre as coisas. Todavia, como vimos com o próprio Saussure, o objeto de estudo da linguística são os aspectos sincrônicos e diacrônicos que compõem os diferentes sistemas linguísticos. Assim, a interrogação

sobre como a cultura se fixa a partir de uma natureza bruta, mediada pelo sujeito histórico e perceptivo, fica aberta. É por isso que neste curso Merleau-Ponty busca consolidar o aspecto gnoseológico da formação do sujeito encarnado e imerso na cultura, bem como suas possibilidades de ressignificação, como, por exemplo, pela via artística. Em suma, salienta-se o caráter existencial da linguagem – seu valor, seu teor alusivo e não uma mera significação circunscrita – e como sua totalidade se aproxima da noção de nível ou de fundo, na mesma medida em que a palavra se aproxima da ideia de *écart* (desvio).

Passando a problemática da aquisição da linguagem nas crianças, Merleau-Ponty se apoia nos cursos ministrados na Sorbonne, mais especificamente em *CLA*. De modo geral, o processo de aquisição da linguagem se dá pela deflação da articulação amorfa do balbuciar infantil em detrimento da aderência a linguagem. Porém, há um parágrafo, acerca da concepção da afetividade, que complementa as observações da *CLA*:

Papel das situações afetivas = não o é de ser causa do conhecimento. O papel do conhecimento não é de refletir¹² a situação afetiva. Mas juntas elas elaboram uma só existência – A linguagem não está em simples relação com a situação afetiva, mas numa relação complexa. Em certos aspectos, ela é a renúncia a situações afetivas, ela esconde a ferida em vez de curá-la (*PrPr*, 2020, p. 100).

Dessa passagem podemos inferir que o fenômeno expressivo é permeado tanto por aspectos pulsionais quanto por elaborações reflexivas. Sendo assim, a relação entre afetividade e linguagem consiste em uma interação de inadequação a uma estrutura desencarnada, isto é, a palavra busca exprimir um valor afetivo, mas muitas vezes não consegue dar conta dessa tarefa, pois se trata da aderência à instituição – a um não-eu. Essa inadequação se faz presente em dois pontos: o primeiro consiste numa questão de fato, pois a linguagem é suscitada como valor e, por isso, passa

¹² *Refléter*, refletir ou espelhar.

por alterações, já que como fala falante, ou como fala falada, ela precisa constantemente se adequar às mudanças de contexto que a coletividade de sujeitos – ou mesmo a singularidade de uma consciência – sofrem, gerando impactos em suas formulações pulsionais e sentimentais, isso em uma camada não-reflexiva, concreta ou prática; o segundo ponto já seria uma questão de direito, pois essa inequação expressa justamente o caráter anti-objetivista, anti-realista e indireto da linguagem, pois sustenta o teor mediativo que ela opera na consciência – não como uma vestimenta para as emoções e sim como um outro modo de desejar, como uma compreensão de si mesmo, ainda que incompleta. Assim sendo, faz-se necessário afirmar que não se trata de uma relação entre uma matéria sentimental e uma forma intelectual, mas sim de compreender o afeto como um fato-valor que promove o progresso intelectual.

Retomando o roteiro do *PrPr*, Merleau-Ponty afirma que o uso da palavra possui uma dialética que revela o caráter duplo da linguagem, de apenas conseguir ser conquistada e poder ser utilizada pelo fato de ser, antes de tudo, instituição. Dessa maneira, a fala falante só consegue ser uma manifestação interior, a expressão de um estilo, se ela for concebida primeiramente como fala falada, ou seja, como um fenômeno exterior, intersubjetivo e histórico. Assim sendo, o caráter dialético da fala e da palavra consiste no fato delas serem uma pseudo-personalidade do adulto, na mesma medida em que é a expressão do ato humano em sua maturidade.

Conclusão

A partir do que verificamos em nossa pesquisa, podemos perceber que o tema da aprendizagem e da aquisição da linguagem é fundamental para a reformulação do pensamento pontiano. Essa reestruturação é compreendida como necessária, visto os problemas clássicos da filosofia da reflexão, ainda presentes na *PhP*. Além disso, conseguimos verificar como as categorias, com as quais Merleau-Ponty trabalha, são

reformuladas, não só para poder sustentar um expediente indireto entre a linguagem e a percepção, mas como essa reflexão já enseja a lógica de uma diferença ontológica, que não foi devidamente explorada em suas primeiras obras. Em suma, a aprendizagem emerge da obra pontiana como uma conquista dos sentidos diacríticos do meio, e também como possibilidade de resposta a ele, primeiramente de uma maneira informulada e depois de maneira reflexiva ou delimitativa.

Referências

ANDRADE, André Dias. *Nas Margens da Presença: a questão do logos em Merleau-Ponty*. 2019. 203 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Educação e Ciências Humanas – Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

CHAUÍ, Marilena. *Experiência do Pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARBARAS, Renaud. *De l'Être du Phénomène: Sur l'ontologie de Merleau-Ponty*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2001.

BIMBENET, Étienne. *Nature et Humanité: le problème anthropologique dans l'œuvre de Merleau-Ponty*. Paris: Vrin, 2004.

FERRAZ, Marcus Sacrini. *Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty*. 2008. 271 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FUJITA, Natália Giosa. *Estrutura e Realidade no Primeiro Merleau-Ponty*. Campinas: Editora Phi, 2018.

GUILLAUME, Paul. *L'Imitation Chez L'Enfant*. Paris: Presse Universitaires de France, 1968.

JAKOBSON, Roman. *Child Language, Aphasia and Phonological Universals*. Trad. Allan R. Keiler. Haia: Mouton Publisher, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110890020>.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Prosa do Mundo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac-Naify, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Child Psychology and Pedagogy: the Sorbonne lectures (1949 - 1952)*. Trad. Talia Welsh. Illinois: Northwestern University Press, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Martins Fontes Editora, São Paulo – SP, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *La Structure du Comportement*. Paris: Presse Universitaires de France, 1967.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le Monde Sensible et Le Monde de L'Expression: Cours au Collège de France, Notes, 1953*. Genève: Métis Presses, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5840/chiasmi2010127>.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le Problème de La Parole: Cours au Collège de France, Notes, 1953-1954*. Genève: Métis Presses, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Éditions Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Recherches Sur L'Usage Littéraire du Langage: Cours au Collège de France, Notes, 1953*. Genève: Métis Presses, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Résumés de Cours: Collège de France (1952-1960)*. Paris: Éditions Gallimard, 1968.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: Éditions Gallimard, 1960.

SAUSSURE, Ferdiand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Schehaye. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

Data de registro: 16/09/2024

Data de aceite: 19/02/2025